

Intervenção de José António Soares, Presidente do Município da Madalena
do Pico

[cumprimentos]

O espaço da Escola é porventura o mais adequado para celebrarmos o 25 de Abril e o que ele significou e pode significar hoje.

Se aceitarmos o conceito de **liberdade** como sinónimo de **tudo o que simbolizou o 25 de abril de 1974**, então teremos de pensar em **democracia**, em **desenvolvimento e progresso social, cultural e económico**. E a **Escola** foi e continua a ser **a pedra de toque** destes **valores** ou **objectivos a atingir**.

Na **Escola**, no tempo **salazarista**, radicavam-se os valores estruturantes do regime e a **poderosa máquina de moldar as mentes e os corpos**. Com as **honrosas – e corajosas – exceções** que sempre existiram, mesmo que **barbaramente reprimidas**.

Adaptavam-se os factos da história às ideias do regime, inventavam-se outros e reprimiam-se o estudo dos livros e dos autores que não correspondiam ao **cânone fascista**. Às claras ou sub-repticiamente, **impunham-se valores racistas e xenófobos**, chegando ao cúmulo de **desvirtuar** determinados **valores**, no desespero de tudo moldar à recusa e mesmo ao aniquilamento de tudo o que fosse diferente, tudo o que, nas suas mentes atrofiadas, pudesse pôr em causa os valores inventados pelo regime ou por ele manipulados.

Os **corpos**, tal como as mentes, queriam-se **disciplinados**, não em nome da diferença e da liberdade – que os corpos também têm – mas em nome do igual e do uniforme. **Toda a diferença era reprimida**. A Escola era **matriz essencial do regime**, a máquina poderosa que **tinha como missão domar as consciências**.

Muitos de nós não viveram esses anos negros, mas aqueles que tiveram a infelicidade de ter nascido e vivido nesses tempos escuros, têm, creio, **o dever de não esquecer**. E não esquecer significa, tão simplesmente, **falar** daquilo que foi o regime da falta de liberdade.

Como dizia, a **Escola é a pedra de toque** que nos permite perceber o que foi o 25 de abril, o seu significado e **aquilo que na realidade mudou ou não mudou, o que mudou para melhor e o que piorou**.

Uma das características que funda qualquer regime democrático é a da existência de **opiniões diferentes** e da **liberdade de serem expressas** – o que significa também que se façam **em igualdade de oportunidades**.

A **nova Escola abriu-se ao mundo** e, como qualquer coisa que ainda está a nascer, hesitou nos caminhos e cometeu erros – mas **aprendeu sempre**. Passou a **transmitir os valores fundamentais** como a **liberdade, solidariedade, cidadania**. Permitiu **novas possibilidades de encarar o mundo**, de **pensar o mundo** e, sobretudo, a convicção da **pluralidade de escolhas**, quer **individuais**, quer **colectivas**.

Creio que os objectivos de educar e preparar mulheres e homens para construírem uma sociedade melhor, é uma responsabilidade de todos nós, que começa em cada indivíduo, em cada família, em cada instituição e no Estado que é de todos nós, somos nós o Estado, e que não é uma coisa tão abstracta como por vezes se quer que pensemos (o Estado tem rostos, instituições, etc.).

Vivemos no melhor dos mundos possíveis, pode perguntar-se. É evidente que não. Mas isso não significa que todos nós tenhamos falhado, e que a Escola, em particular, tenha falhado. O que a Escola saída da liberdade do 25 de Abril justamente nos trouxe foi a **consciência** de que **as sociedades não são entidades paradas no tempo, imutáveis**.

Temos de saber **valorizar o que é bom** e quanto ao que é mau termos a consciência e a convicção de que pode ser anulado ou ultrapassado. Por isto, os discursos que colocam o acento tónico na comparação do antes e do depois só os podemos aceitar se for para **apontar soluções** e não criar imobilismos, muito menos retrocessos. É minha convicção que a Escola saída do 25 de Abril foi uma das nossas mais queridas conquistas.

Olho hoje para esta Escola cheia de jovens inteligentes, cultos, interessados e corajosos, isto é coisa que em outros tempos não se via. A Escola era só para alguns.

A educação é hoje uma questão vital.

É o ponto de partida justo, digno e essencial para todos os seres humanos. E hoje que comemoramos a Liberdade, comemoramos, também, a conquista do direito à educação.

Lanço aqui um desafio aos mais jovens, citando Bertolt Brecht:

Verifica a conta

és tu que a pagas.

É pouco,

mas aprende o ABC

para tomares as rédeas da tua própria vida.”

Outra importante dimensão do Portugal novo saído do 25 de Abril de 1974 foi o chamado, e bem chamado, **Poder Local**. Porque é **efectiva e verdadeiramente Poder**, porque é **genuinamente Local**. Aliás, na linha de grandes **tradições municipalistas** que se fundaram a par de uma espécie de **parlamentarismo de rosto democrático**.

O Poder Local, **constitucionalmente consagrado**, tem sido, nestes 38 anos pós abril de 1974, um **poderoso motor de desenvolvimento**, não desta ou daquela Freguesia, não deste ou daquele Município, mas **efectivamente do país como um todo**.

No Poder Local – o das Freguesias e dos Municípios – os políticos são aqueles que **mais genuinamente personalizam a vontade do Povo**. Não que a democracia que os elege seja melhor do que aquela que elege os representantes do Povo para os órgãos Regionais ou Nacionais, não, mas porque o grau de responsabilidade é, pela proximidade, incomparavelmente maior.

Aqui, à frente de um Município, eu, como todos os outros, **não sou um rosto desconhecido**, uma pessoa de que não se conheça o passado e o que de bom e de mau possa ter feito. **A nossa responsabilidade é maior** porque, realmente, verdadeiramente, **temos mesmo de prestar contas ao Povo**. E isto **não é demagogia**, caros amigos, **é uma verdade evidente**.

Poderão dizer alguns dos aqui presentes que **isto é estar a fazer política**. É verdade. **Isto é fazer política**. **Fazer política** é estar **consciente dos problemas da comunidade e pensar sobre eles, procurar soluções**. Ser o primeiro a **não ter medo nem vergonha de se expor**

perante aqueles que o elegeram, ou, perante aqueles, como vocês, um dia terão essa responsabilidade.

Peçam aos mais velhos, que **vos digam como era esta terra há quarenta ou cinquenta anos atrás**. Vão perceber que nos últimos 38 anos, muito se fez nas acessibilidades, nos transportes, na criação de riqueza, na **escola, no desporto, na cultura, no apoio aos mais desfavorecidos e aos idosos: tanta, tanta coisa que não cabe em discursos!**

O essencial é que **compreendam**, que muitos **têm dado o melhor de si, num esforço para concretizar o verdadeiro desenvolvimento**, mas que muito há ainda a fazer, e que esse é o objetivo que continuamos a perseguir todos os dias.

Mais política, sim senhor. Não poderia ser de outra maneira, hoje, aqui, nesta sessão que **comemora e celebra quase quatro décadas de liberdade e democracia**.

Pois, a política, é o modo como cada um de nós intervém, ou não, na defesa dos interesses que dizem respeito a todos. É o exercício individual e coletivo da defesa do bem público.

O 25 de Abril deu-nos também essa possibilidade.

A possibilidade de intervir nas decisões que nos dizem respeito, a liberdade de participar nas escolhas que irão influenciar o nosso futuro.

O Futuro é vosso. Está nas vossas mãos.

Saibam usufruir da Liberdade!

Viva a liberdade, viva a democracia, viva o 25 de Abril.

Muito obrigado.